



## AS AFRICANIDADES NO CENTRO HISTÓRICO DO CRATO-CE E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Rafael Ferreira da Silva  
Universidade Regional do Cariri, URCA, Brasil  
[rafaelferreira829@hotmail.com](mailto:rafaelferreira829@hotmail.com)

Cicera Nunes  
Universidade Regional do Cariri, URCA, Brasil  
[cicera.nunes@urca.br](mailto:cicera.nunes@urca.br)

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de reconhecer as africanidades nas arquiteturas do Museu Histórico do Crato e da Igreja de Nossa Senhora da Penha, ambos situados no centro histórico da cidade do Crato-CE. Nesses dois equipamentos urbanos existe um conjunto de conhecimentos africanos. Para realizar essa pesquisa fizemos uma revisão bibliográfica a fim de nos fundamentar na perspectiva da afrodescendência e trabalhar com a iconografia. Para tanto, dialogamos com autores, como Cunha Junior (2010, 2011, 2020), Silva (2019), Souza (2016) e Quirino (2018). O artigo articula reflexões no campo da história, geografia e educação, reflete a importância da produção desse conhecimento e aponta os percursos urbanos (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019) como possibilidade metodológica na construção de uma educação antirracista.

**Palavras-chave:** Africanidades. Espaço geográfico. Interdisciplinaridade. Educação antirracista.

## LAS AFRICANIDADES EN EL CENTRO HISTÓRICO DE CRATO-CE Y LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reconocer las africanidades en las arquitecturas del Museo Histórico de Crato y la Iglesia de Nuestra Señora de Penha, ambas ubicadas en el centro histórico de la ciudad de Crato-CE. En estas dos instalaciones urbanas hay un conjunto de conocimientos africanos. Para llevar a cabo esta investigación hicimos una revisión bibliográfica con el fin de basarnos en la perspectiva de la ascendencia afrodescendiente y trabajamos con iconografía. Para ello, dialogamos con autores como Cunha Junior (2010, 2011, 2020), Silva (2019), Souza (2016) y Quirino (2018). El artículo articula reflexiones en el campo de la historia, la geografía y la educación, refleja la importancia de la producción de este conocimiento y señala las rutas urbanas (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019) como posibilidad metodológica en la construcción de una educación antirracista.

**Palabras clave:** Africanidades. Espacio geográfico. Interdisciplinariedad. Educación antirracista.

## THE AFRICANITIES IN THE HISTORIC CENTER OF CRATO-CE AND THE TEACHING OF GEOGRAPHY

### ABSTRACT



This article aims to recognize the Africanities in the architectures of the Historical Museum of Crato and the Church of Our Lady of Penha, both located in the historic center of the city of Crato-CE. In these two urban facilities there is a set of African knowledge. To carry out this research we made a bibliographic review in order to base ourselves on the perspective of Afro-descent and we worked with iconography. To this end, we dialogue with authors such as Cunha Junior (2010, 2011, 2020), Silva (2019), Souza (2016) and Quirino (2018). The article articulates reflections in the field of history, geography and education, reflects the importance of the production of this knowledge and points out the urban routes (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019) as a methodological possibility in the construction of an anti-racist education.

**Keywords:** Africanities. Geographical space. Interdisciplinarity. Anti-racist education.

## LES AFRICANITÉS DANS LE CENTRE HISTORIQUE DE CRATO-CÉ ET L'ENSEIGNEMENT DE LA GÉOGRAPHIE

### RÉSUMÉ

Cet article vise à reconnaître les africanités dans les architectures du Musée historique de Crato et de l'église Notre-Dame de Penha, tous deux situés dans le centre historique de la ville de Crato-CE. Dans ces deux équipements urbains, il y a un ensemble de connaissances africaines. Pour mener à bien cette recherche, nous avons fait une revue bibliographique afin de nous baser sur la perspective de l'ascendance africaine et nous avons travaillé avec l'iconographie. À cette fin, nous dialoguons avec des auteurs tels que Cunha Junior (2010, 2011, 2020), Silva (2019), Souza (2016) et Quirino (2018). L'article articule des réflexions dans le domaine de l'histoire, de la géographie et de l'éducation, reflète l'importance de la production de ces connaissances et souligne les itinéraires urbains (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019) comme possibilité méthodologique dans la construction d'une éducation antiraciste.

**Mots clés:** Africanités. Espace géographique. Interdisciplinarité. Éducation antiraciste.

### INTRODUÇÃO

Uma parte considerável do acervo cultural de base africana foi transferida para o Brasil durante a diáspora forçada, influenciando na formação cultural e na remodelação do espaço geográfico. Nesse sentido, Quirino (2018) afirma que a colonização brasileira foi realizada por africanos e não por europeus, pois colonizar é transferir conhecimentos necessários para a transformação do espaço no tempo, inserindo novas técnicas e preservando as existentes.

Compreendemos que o espaço geográfico e sua complexidade são compostos por uma diversidade de conhecimentos africanos que se apresenta na constituição da materialidade e da imaterialidade, a exemplo das arquiteturas, dos ferreiros, da oralidade nos quilombos, a religiosidade, dentre outros, a análise das africanidades que marcam a presença africana e afrodescendente nos lugares permitirá reconhecer tal diversidade. Para realizar essa pesquisa, fizemos uma revisão bibliográfica a fim de nos fundamentar na perspectiva da



afrodescendência. Para tanto, dialogamos com autores, como Cunha Junior (2010, 2011, 2020), Quirino (2018), Silva (2019), Nunes (2011) e Souza (2016).

Os autores supracitados nos auxiliaram a refletir sobre uma nova história sociológica e cultural brasileira tendo como marcador a atuação da população africana e afrodescendente. O primeiro autor destaca a importância de reconhecer a constituição das africanidades e afrodescendências na reconfiguração da cultura e da sociedade brasileira, enquanto o segundo autor afirma que a colonização no Brasil ocorreu através de africanos. Por sua vez, as autoras apontam que é preciso articular novas reflexões sobre a história africana e afrodescendente no campo da educação, tecendo estratégias pedagógicas que auxiliem na superação do racismo e no reconhecimento do protagonismo negro.

A discussão proposta neste artigo é parte de um estudo mais amplo que busca identificar os conhecimentos tecnológicos africanos que dão base à formação do espaço geográfico na cidade do Crato, situado na região do Cariri cearense. Do ponto de vista metodológico, é uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e iconográfico. Inicialmente, reflete-se a partir dos estudos de Quirino (2018) sobre a colonização africana no Brasil, e Cunha Junior (2010, 2019, 2020) com reflexões acerca da constituição das africanidades e afrodescendências. Corroboram ainda os estudos de Miller (2019), que pesquisa sobre história africana e a economia europeia baseada no escravismo de africanos na África e nas Américas; e Stella (2018) que apresenta em suas pesquisas a organização social e econômica dos egípcios, bem como os conhecimentos tecnológicos empreendidos no urbanismo, sobretudo nas construções das pirâmides. Ao longo das discussões, ilustramos com algumas imagens as semelhanças entre a arquitetura cratense e africana.

Nesse contexto, problematizamos as africanidades na formação da cultura brasileira e na ressignificação do espaço geográfico, tendo em vista a complexidade dos conhecimentos africanos empreendidos no urbanismo brasileiro. O artigo também articula reflexões no campo da história, geografia e educação; contempla a importância da produção desse conhecimento; e aponta os percursos urbanos como um referencial teórico-metodológico que, estrategicamente, é articulado para que o professores e alunos identifiquem as africanidades no espaço geográfico, sobretudo na arquitetura (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019). Esse referencial é uma das possibilidades metodológicas que auxilia na construção de uma educação antirracista na qual o trabalho na escola possa colaborar, numa releitura crítica da presença e participação da população negra para a formação do lugar.

Contextualizamos a presença negra na cidade do Crato com base no pensamento de Silva (2019) e Silva e Cunha Junior (2019), onde analisamos, através de percursos urbanos,



dois equipamentos históricos: o Museu Histórico do Crato e a Igreja de Nossa Senhora da Penha. Os percursos urbanos são uma metodologia que permite um itinerário pelos lugares, observando atentamente os detalhes da espacialidade material e as sociabilidades diante do processo de mutação urbanística (RICO; COELHO; GOUVEIA, 1996 *apud* SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019).

No Cariri cearense, estudos questionam o discurso que invisibiliza a presença negra nesse território e apontam a necessidade de descortinar o acervo cultural de base africana, reconhecendo o protagonismo social negro (NUNES, 2011; SANTOS, 2018; SILVA, 2019). Por outro lado, identifica-se que, apesar dos avanços nas produções e discussões nos últimos anos, na perspectiva de uma educação antirracista, ainda há uma lacuna no ensino de geografia sobre as relações étnico-raciais.

## **COMPREENDENDO O PASSADO AFRICANO E RESSIGNIFICANDO AS AFRICANIDADES BRASILEIRAS**

Na formação social do Brasil existe um acervo de artefatos da cultura negra que deve ser descortinado para compreendermos o passado africano e ressignificá-lo na cultura brasileira. Dentre os artefatos culturais há a arquitetura, os ofícios, a agropecuária, a mineração, as artes, etc., que sinalizam o patrimônio cultural negro e nos permitem analisar a participação da população negra na formação do espaço geográfico durante a diáspora forçada (CUNHA JUNIOR, 2010).

Ao problematizarmos as influências dos conhecimentos da população negra na formação sociocultural do Brasil, partimos da ideia de que colonizar é transferir conhecimentos necessários para a formação dos territórios e a implantação de novos significados sociais e culturais. Essa ideia difere do tipo de colonização europeia, na qual se baseia na tomada forçada de territórios e na desconfiguração de culturas, isto é, “o colono branco vinha com o espírito atormentado pela ganância, repetindo o estribilho da mãe-pátria” e dimensionando informações equivocadas sobre as culturas de base africana (QUIRINO, 2018, p. 11).

De acordo com Cunha Junior (2020), a população africana possui uma diversidade inesgotável de conhecimentos arquitetônicos, de mineração, de carpintaria, de agricultura e pecuária. Esses conhecimentos foram expropriados pelo escravismo criminoso dos europeus, cuja preocupação era dizimar comunidades africanas, assim como afirma Miller (2019), que muitas comunidades tradicionais, como vilas em Zimbábue e vilas em Angola, foram destruídas



pela violência do escravismo europeu, independentemente da importância cultural que tais populações possuísem.

Todas as ações criminosas dos escravizadores foram estrategicamente pensadas para a manutenção da riqueza de um continente, a saber, Europa. Um exemplo é a transferência das populações dos centros africanos, especificamente do baixo rio Zaire para o Caribe, Akan e as ilhas equatoriais de São Tomé e Príncipe. A intenção da movimentação com as populações africanas na condição de escravizadas era destiná-las ao trabalho da exploração do ouro, à construção de cidades e ao plantio da cana-de-açúcar. Ademais, o cultivo de cana-de-açúcar se intensificou nas Ilhas de São Tomé e Príncipe e, posteriormente, no Brasil, durante os anos de 1570, quando o escravismo estava efervescente (MILLER, 2019).

É relevante compreendermos que a presença da população africana no Brasil marcou profundamente a sociologia e a cultura desse lugar, bem como a constituição de um legado ancestral que deve ser ressignificado e reconhecido pelas proporcionalidades corretas na história social brasileira. Nesse sentido, acreditamos que, para reconhecer a história de matriz africana na cultura brasileira, é imprescindível ultrapassar as narrativas eurocêntricas que invisibilizam a importância das populações africanas na produção do espaço geográfico.

Nascimento (2018) aponta um grave problema na historiografia brasileira quando essa não reconhece o protagonismo dos africanos e afrodescendentes na formação e/ou reconfiguração social e cultural dos territórios durante a travessia transatlântica. Para a autora, o eurocentrismo nega a história da população negra por meio de vários dispositivos, a exemplo das narrativas que versam sobre a história de que o homem branco é o civilizado e as populações africanas são a-históricas.

Cunha Junior (2020) afirma que as teorias racistas tentam justificar o escravismo criminoso, cujos ideários são baseados em atraso cultural da população africana diante do processo acelerado de transformação do espaço geográfico, isto é, a Europa cria no imaginário social e egocêntrico a ideia de dominadores das pátrias e dos mares. Entretanto, os egípcios já navegavam há mais tempo.

Os discursos de que a Europa colonizou e promoveu a civilização no mundo foram base para a formulação de teorias racistas, a exemplo da superioridade racial branca. Essas teorias estão sendo estudadas nas escolas de ensino básico e nos cursos superiores das universidades públicas brasileiras. Embora existam professores nas universidades, na educação básica e pesquisadores vinculados a grupos de estudos, comprometidos com a discussão das relações étnico-raciais, refazendo, sobretudo, uma revisão sobre a história africana, ainda se faz necessário uma ampliação da discussão sobre a temática nas instituições educacionais, tendo



em vista a implemetação da Lei 10.639/03. Acreditamos que é preciso repensar qual foi a atuação europeia no Brasil, problematizando a ideia de colonização europeia, em primeiro lugar, porque “nós nunca fomos colonizados pelos europeus, fomos invadidos e destruídos, mas não colonizados. Portanto não existe nada a descolonizar e sim a retomar as bases africanas modificadas no tempo e no espaço” (CUNHA JUNIOR, 2020, p. 63).

Souza (2016) diz que para superar as teorias eurocêntricas defendidas nas áreas do conhecimento, em especial na geografia, é necessário ampliar o olhar sobre o espaço, observando atentamente as contribuições da população negra e indígena que deixam marcas importantes nos lugares. O real papel da ciência deve ser o de dimensionar conhecimentos sobre a sociedade, bem como as interações culturais que modificam o espaço no tempo, demarcando novos sentidos sociais através da materialidade e imaterialidade.

A expressividade social e os valores ancestrais das populações africanas e afrodescendentes podem ser identificados nas sociabilidades e nas escritas das cidades brasileiras. “[...] As cidades refletem as concepções de vidas, os valores dos grupos humanos, as culturas e as relações sociais, neste sentido é que a compreensão da situação da população negra passa pela compreensão das cidades [...]” (CUNHA JUNIOR, 2020, p. 63).

O fato é que as edificações arquitetônicas das cidades brasileiras são influenciadas pelas formas urbanísticas das cidades africanas. Para entendermos tais influências, Diop (2014) apresenta um relevante estudo sobre as unidades culturais na África, identificando as mobilidades sociais, especialmente, as que foram realizadas pelos egípcios, nos quais transportavam conhecimentos de escrita, edificações, religiões, sistemas políticos e agropastoril. Esse estudo é basilar para que Cunha Junior (2020) reflita e construa o conhecimento sobre as africanidades brasileiras, buscando reconhecer na escrita do espaço geográfico, o sentido ancestral.

Ao problematizarmos sobre as formas urbanas brasileiras, é fundamental refletirmos sobre as especialidades do trabalho africano na elaboração arquitetônica. Mesmo na condição forçada do trabalho, os africanos ressignificaram e desenharam suas ancestralidades no urbano, como meio de liberdade, de oralidade e de conectividade com suas raízes do passado e re-enraizando uma nova história social e étnica em novos espaços.

No contexto brasileiro, as cidades se intercalam com uma diversidade de formas, funções, relações sociais contra-hegemônicas, sistemas econômicos e a pluralidade cultural que estão associados diretamente ao continente africano quanto à organização social e técnicas e tecnologias inseridas nas construções arquitetônicas. A produção do tijolo, as simetrias dos desenhos nas paredes de edifícios, casas e museus e a utilização da madeira para o telhado, são



alguns dos exemplos dos conhecimentos africanos que podem ser percebidos na arquitetura brasileira. Quando existe uma pluralidade na constituição dos objetos geográficos, sobretudo arquitetônicos, torna-se impossível pensarmos em cidades modelos no Brasil, pois o tempo define modificações sociais importantes para as novas materializações no espaço.

Para aprofundarmos melhor a análise sobre os conhecimentos africanos, estudaremos o conjunto de africanidades do município do Crato, situado no sul do estado do Ceará, identificando as variadas técnicas e tecnologias de matriz africana na arquitetura. A partir desse estudo, acreditamos que ampliará a construção das propostas pedagógicas antirracistas na escola, bem como auxiliará os pesquisadores de diversas áreas da produção do conhecimento a reconhecerem o pensamento africano inserido no espaço geográfico.

## **AS AFRICANIDADES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DA CIDADE DO CRATO-CEARÁ**

O Crato emerge em meados do século XVIII com a chegada dos missionários capuchinhos que, inicialmente, sob as ordens da Igreja Católica, determinam o aldeamento dos indígenas Cariris, cuja denominação de tal aldeamento seria Missão do Miranda, onde, atualmente, se encontra a Praça da Sé. Após realizarem essa demarcação religiosa, os europeus chegaram em grupos maiores e colocaram em prática o sistema de dominação religiosa, territorial e econômica. O primeiro símbolo que marca a presença do catolicismo europeu é a construção da capela dedicada a Nossa Senhora da Penha, edificada em taipa de mão e coberta de palha (FIGUEIREDO FILHO, 2010).

Após a intensificação da chegada de pessoas em terras caririenses, especificamente no Crato, a igreja foi substituída pela construção com torres, aberturas de portas e janelas, gerando certa imponência na escrita da cidade para aquele período. Essa construção ocorreu no início do século XIX e na primeira metade do século XX, cuja primeira torre data de 1852, e a segunda, ao Oeste da igreja, é de 1910 (FARIAS FILHO, 2007).

Durante o período escravista, houve uma significativa inserção de populações negras no Crato, marcando momentos da história cidadina com as influências dos conhecimentos africanos e afrodescendentes no que se refere à agricultura, pecuária e às técnicas e tecnologias construtivas. Até a primeira metade do século XIX, a parte urbana do Crato não possuía grande expressividade, quando comparado a Icó (SILVA, 2019).

Na segunda metade do século XVIII, mais precisamente no ano de 1764, o Crato é elevado a Vila Real do Crato, e, após grandes transformações espaciais e políticas, é instituída



cidade em 1853. Essas novas configurações são marcadas pelas construções da Igreja de Nossa Senhora da Penha e o Senado da Câmara Municipal, mais conhecido por Casa do Júri (FARIAS FILHO, 2007 *apud* SILVA, 2019).

O desenvolvimento econômico da cidade do Crato foi baseado na agricultura e na cultura do gado. Alguns produtos, como as produções de rapadura, doces, aguardente, etc., tiveram significativas relevâncias para a economia local, com destaque para os ciclos da exportação regional da rapadura, chegando a vários estados nordestinos, a exemplo de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (FIGUEIREDO FILHO, 2010). Ao problematizarmos a base econômica do estado do Ceará, que não estava alinhada aos grandes ciclos econômicos do açúcar na lógica de mercado externo brasileiro, é possível percebermos uma grande concentração cultural africana, bem como a presença de afrodescendentes no espaço geográfico cearense.

Cunha Junior (2011) enfatiza que a economia do Ceará tem sua base fixada na comercialização dos produtos internos, como a rapadura, a carne de charque e as sandálias de couro, retirando o estado dos grandes marcos de exportações do açúcar, uma vez que no Ceará não se produzia açúcar em grande escala, cujo produto era de interesse dos europeus. Embora não se produzisse açúcar o suficiente para a manutenção do comércio europeu, não significa afirmar a inexistência de população negra no território cearense.

Os estudos de Silva (2019), Santos (2018) e Nunes (2011) apontam uma nova história sobre a formação sociológica e cultural da região do Cariri cearense que servirá como base para a compreensão da presença negra no estado do Ceará. A produção do espaço geográfico cearense, principalmente do Cariri, se deve, em grande parte, à atuação social dos africanos que fixaram seus conhecimentos tecnológicos na forma urbana, nas relações comerciais, na ressignificação religiosa quanto à formação de irmandades negras, terreiros de umbanda e candomblé, nas manifestações das congadas e na organização social das comunidades quilombolas.

O estado do Ceará é constituído pela presença de populações afrodescendentes e a ideia de inexistência dessas populações está apenas no imaginário social brancocêntrico. Para Silva (2019), no Cariri cearense, há espacialidades de conhecimentos de africanos e afrodescendentes significativas, estando sinalizados pelas técnicas construtivas empregadas na forma urbana do centro do Crato e na formação dos bairros negros durante o êxodo rural do final do século XIX e início do XX.

Dentre os equipamentos urbanos do Crato que compõem a parte central da cidade, estudaremos dois buscando entender as africanidades no processo de colonização africana





cidadina. Para Silva e Cunha Junior (2019), a metodologia dos percursos urbanos é imprescindível para percebermos as contribuições da população negra na elaboração dos símbolos materiais fixados no espaço. Para ampliar os conhecimentos sobre a atuação social da população negra, no contexto escolar, é fundamental que os professores, especialmente de geografia, se apropriem da referida metodologia e alinhem ao ensino geográfico como mecanismo de auxílio na construção crítica do aluno no processo de análise espacial, sobretudo identificando na arquitetura as marcas das africanidades.

Os percursos urbanos são um referencial teórico-metodológico que cooperam para o campo do patrimônio histórico-educativo<sup>1</sup> e demais áreas da produção do conhecimento ao colocarem os professores e alunos para observar, coletar dados e analisar, onde tal análise tenha um resultado que valorize a memória e a história da população, em especial africana e afrodescendente.

É importante salientar que esse texto não só objetiva demonstrar que, através da realização de percursos urbanos, é possível identificar conhecimentos técnicos e tecnológicos das populações africanas na constituição da arquitetura, mas também propor uma ampliação das discussões desses conhecimentos na educação patrimonial. Além disso, que o processo de ensino-aprendizagem nas instituições educacionais valorize a presença negra na produção do patrimônio histórico, principalmente quando o Estado em grande parte do território brasileiro se ausenta de salvaguardar o patrimônio da população, como apontam Silva, Castro e Castellanos (2021, p. 6), “no Brasil, a salvaguarda do patrimônio histórico educativo têm sido um privilégio de poucos lugares”.

O primeiro equipamento urbano a ser estudado é o Museu Histórico do Crato, antiga Câmara e Cadeia, e o segundo é a Igreja de Nossa Senhora da Penha. Conforme Silva e Cunha Junior (2019), o centro do Crato possui um conjunto material e imaterial que forma o patrimônio afroarquitetônico. O Museu Histórico do Crato se localiza na antiga Rua do Fogo, atualmente conhecida por Senador Pompeu. Figueiredo Filho (2010) afirma que na referida rua acontecia a feira antiga do Crato todas as segundas-feiras, onde se aglomeravam pessoas de todas as localidades do Crato e de outros estados como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

---

<sup>1</sup> Segundo Martínez (2016, p. 149-50) o patrimônio histórico educativo “está intrinsecamente ligada ao conhecer, entender e divulgar a importância cultural e social da instituição escolar. A guarda e conservação da documentação escolar, fundamental para preservar a memória educativa, permite também valorizar os resquícios da construção da escola como espaço social peculiar da sociedade que a compõe.”



A construção do edifício ocorreu durante o ano de 1877, logo após Crato se tornar cidade em 1853. Existem algumas configurações no edifício que convém destacar para entendermos sua arquitetura, como “[...] a porta de ingresso à escada que leva ao pavimento superior, onde se localizava a Câmara, encontra-se na fachada que se volta para a praça; e, o acesso à cadeia é feito na outra fachada [...]” (GURGEL, 2012, s/p, *apud* SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019, p. 157). A praça, a qual a autora menciona é a da Sé, na qual se localiza a igreja de Nossa Senhora da Penha. O Museu carrega na sua materialidade a expressividade social negra que resulta na constituição das africanidades.

Na Figura 1 apresentaremos características de africanidades que possibilitam desvelar conhecimentos africanos e afrodescendentes na elaboração do Museu Histórico do Crato. Observem que existem várias portas, tanto na frente quanto na lateral, uma quantidade de janelas no andar superior e janelas grandes na parte inferior, com formato quadrado e uma das portas ao lado direito da foto apresenta o formato de flanco. A fachada contém desenhos em formato fractais e, nas laterais, combinações repetitivas, aparentando ser símbolos adinkras<sup>2</sup> os quais pertencem aos povos Akan. É pertinente a atenção para o trabalho com a madeira na produção das janelas e na parte interna, cujo chão é feito de madeira e o telhado com grandes vigas de madeira largas e com duas quedas-d’água. As paredes aparentam serem robustas, provavelmente construídas com tijolos de tamanho que se aproximam ao tijolo de adobe<sup>3</sup> e com preenchimento de barro cru para o fechamento.

---

<sup>2</sup> “Adinkra é um conjunto de ideogramas estampados, principalmente em tecidos e adereços e esculpidos em madeira ou em peças de ferro, como se fossem carimbos. Cada um dos símbolos possui um nome e significado que pode estar associado a um fato histórico, uma característica de um animal, a um vegetal ou a comportamento humano” (CARMO, 2016, p. 51). “Os símbolos de Adinkra têm significados em várias camadas e níveis de interpretação. Estes símbolos Akan são carimbados em panos de cores variadas e simbolizam parábolas, aforismos, provérbios, ditos populares, eventos históricos, penteados, traços do comportamento animal ou formas de objetos inanimados ou feitos pelo homem” (WILLIS, 1998, p. 17 *apud* CARMO, 2016, p. 52). Dybax (2016, S/P) enfatiza que “a palavra adinkra significa adeus e são símbolos que transmitem ideias, representam provérbios, preservam e transmitem valores do povo akan, que habitavam as regiões que hoje compreendem os países de Gana e Costa do Marfim.”

<sup>3</sup> “O adobe é um tijolo de terra crua, geralmente muito grande com relação aos tijolos de hoje, cuja técnica de produção implica ser seco inicialmente à sombra e depois ao sol, este tijolo é muito utilizado na África do Rio Níger. Para constituição do tijolo de adobe se misturam argila, fibra vegetal, estrume de gado e óleos vegetais ou animal” (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 28-9).

**FIGURA 1** - Casa Câmara e Cadeia e atual Museu Histórico do Crato

Fonte: Portal Oficial da Prefeitura Municipal do Crato.<sup>4</sup>

Conforme Silva (s/d, s/p), na Nigéria existiam construções com quantidades de portas e janelas em formato quadrado, algumas utilizavam madeira para a estrutura e o fechamento de barro misturado com esterco de animal e sangue para dar consistência ao material. Em Núbia antiga, “[...] durante a época balana, construíram-se, ao longo de ruas bem traçadas, prédios robustos, de plano quase quadrado, com quatro, cinco, seis, até oito salas na parte térrea, e sinais de que deviam possuir um pavimento superior [...]”.

Ao analisar essa semelhança entre o Museu Histórico do Crato e os prédios antigos núbios, nos permitiu compreender que existe um processo ressignificativo quanto às técnicas e tecnologias construtivas de base africana inseridas nos edifícios cratenses que constituem as africanidades brasileiras. No segundo equipamento urbano representado na Figura 2, a saber, a Igreja de Nossa Senhora da Penha, identificamos outros desenhos semelhantes a algumas arquiteturas africanas, principalmente egípcias.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://crato.ce.gov.br/>

**FIGURA 2** - Igreja de Nossa Senhora da Penha

**Fonte:** Memória Histórica do Crato.<sup>5</sup>

Essa foto é provavelmente do século XX, já que as duas torres da igreja estão construídas e a urbanização da parte central do Crato está acelerada. Nesse sentido, leituras espaciais importantes podem ser feitas na imagem acima. Inicialmente, é possível observar que existem pessoas trabalhando, o que sinaliza a mobilidade social e os conhecedores de técnicas de construções. Outro detalhe é a casa ao lado que tem o telhado em duas quedas-d'água, duas janelas e uma porta. No lado leste há outras casas com várias aberturas de portas em formato quadrado e em flancos e o telhado em duas quedas-d'água. Os estudos de Weimer (2008) apontam que esse tipo de arquitetura é comum nas sociedades africanas, especialmente nos países de Gabão, Mali e Madagascar, como pode ser observado na Figura 3.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/historiadocrato>



### FIGURA 3 - Arquiteturas africanas

Cidade de Mopti – Mali



Mocambo (aldeia) Maafale, em Madagascar



“Sanzala” Fang, do Gabão



Fonte: WEIMER, 2008.

A Igreja de Nossa Senhora da Penha é construída entre os séculos XIX e XX, com a primeira torre erguida em 1852, e a segunda torre em 1910 (FIGUEIREDO FILHO, 2010). Chamamos atenção dos olhares para o topo das torres que tem o formato em pirâmide e na parte superior da frente da igreja a existência de dois janelões. Ressalta-se que o primeiro detalhe arquitetônico se assemelha com as pirâmides de Gizé, no Egito. Ao visitar a referida igreja, identificamos que os janelões permanecem iguais, além de um pequeno piso de madeira elevado a altura das janelas, supostamente essa parte da igreja era reservada para receber pessoas brancas e, provavelmente, significativas para a cidade.

Esses equipamentos urbanos são imponentes para a cidade do Crato e nos fazem compreender a complexidade sistêmica dos conhecimentos africanos. Os detalhes arquitetônicos desses edifícios foram feitos por mãos de africanos e afrodescendentes, marcando a história do lugar e deixando um legado ancestral. A atuação do carpinteiro, do pedreiro, do auxiliar de construção, do pintor, do ferreiro e de tantas outras profissões, é parte desse legado que se materializou nas arquiteturas as quais apresentamos.

Os professores, em particular os de Geografia, ao realizar um percurso urbano pela cidade do Crato, devem apresentar aos alunos um conhecimento sistematizado e comprometido



em desvelar a atuação social dos africanos quanto à elaboração construtiva do Museu histórico do Crato e da Igreja de Nossa Senhora da Penha, bem como outros equipamentos urbanos citadinos, buscando desprender-se da história eurocêntrica que nega a participação africana na constituição do urbanismo brasileiro. Entendemos que a arquitetura é um desfecho importante da história ancestral africana que marca o Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado africano, na cultura brasileira, é visto pelo eurocentrismo como algo de menor interesse, entretanto, o estudo do espaço geográfico revela a existência de um conjunto de africanidades na arquitetura. Tais africanidades estão simbolizadas nas técnicas e tecnologias construtivas no urbanismo brasileiro, em especial no município do Crato-CE.

A metodologia dos percursos urbanos possibilitou reconhecer as africanidades e ampliar as reflexões nas diversas áreas do conhecimento, particularmente no ensino de geografia, valorizando a memória e a cultura africana. Ao refletirmos sobre a história da presença negra no Crato, compreendemos que o Brasil é constituído de unidades culturais africanas as quais foram transferidas durante o escravismo criminoso; essa análise fica mais evidente quando comparamos as técnicas construtivas entre o continente africano e o urbanismo cratense por meio da iconografia.

Consideramos que o estudo das africanidades no Crato viabilizou ampliar o olhar para a região do Cariri, uma vez que tal região é marcada pela presença negra através de comunidades negras, quilombos e um urbanismo constituídos de técnicas e tecnologias africanas.

## REFERÊNCIAS

CARMO, Eliane Fátima. **Boa Morte do História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra**. Salvador: Ed. Artegraf, 2016.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Cultura afrocearense. *In: Artefatos da cultura negra no Ceará*. CUNHA JUNIOR, H. *et al.* (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 102-132.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. *In: ROMÃO, J.* (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: MEC, 2020.



CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Urbanismo africano: 6000 anos construindo cidades (uma introdução ao tema). **Revista Teias**, v. 21, n. 62, jul./set. 2020.

DIOP, Cheikh Anta. **Unidade cultural da África negra, as esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Luanda: Ed. Mulemba; Ramada: Ed. Pedagogo, 2014.

DYBAX, Vanessa. Cultura africana por meio dos símbolos gráficos Adinkra. **Os desafios da escola pública paraense na perspectiva do professor PDE: produções didáticos-pedagógicas**. Paraná: Cardenos PDE, 2016.

FARIAS FILHO, W. A. **Crato: Evolução Urbana e Arquitetura 1740-1960**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **Engenho de Rapadura do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. (Coedição Secult. Edições URCA)

MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Organização do arquivo histórico do liceu de humanidades de campos: portas abertas em busca da divulgação. *In*: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Desafios Iberoamericanos: o Patrimônio Histórico-Educativo em Rede**. São Paulo: CME/FEUSP, 2016. 585p.

MILLER, Joseph C. África Central durante a era do comércio de escravizados de 1490 a 1850. *In*: HEYWOOD, Linda M. (org.). Tradução VAMPEAN FREGONEZ, Ingrid de Castro; CASSON, Thais Cristina; BENEDITO, Vera Lúcia. **Diáspora negra no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. Diáspora Africana. São Paulo: Filhos da África: 2018.

NUNES, Cicera. **Reisado cearense: uma proposta para o ensino das africanidades**. Fortaleza: Conhecimento, 2011.

QUERINO, Manuel. **O colono preto como fator da civilização Brasileira**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20815/13416>. Acesso em: 17 set. 2021.

SANTOS, Ana Paula dos. **Educação escolar quilombola no Cariri cearense: africanização da escola a partir de pedagogias de quilombo**. 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará-UFC, Fortaleza/CE, 2018.

SILVA, Alberto da Costa e. **A Enxada e a Lança**. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/81x11vn>. Acesso em: 16 set. 2021.

SILVA, Diana Rocha da; CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velasquez. Acervos provocados e possibilidades de pesquisa sobre o patrimônio histórico bibliográfico educativo no APEM. **RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio**



**Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. 1-26, 2021.

SILVA, Meryelle Macedo da. **Patrimônio Arquitetônico Afrocratense: implicações educativas**. 2019. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato/CE, 2019.

SILVA, Meryelle Macedo da; CUNHA JUNIOR, Henrique. Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense. **GeoTextos**, v. 15, n. 2, p. 199-215, dez. 2019.

SILVA, Meryelle Macedo; CUNHA JUNIOR, Henrique. O espaço urbano do Crato-CE: a visibilidade de um patrimônio afroarquitetônico. In: SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique (Orgs.). **Afro Patrimônio cultural**. Fortaleza: Via Dourado: 2019.

SOUZA, Lorena Francisco de. As relações etnicorraciais na geografia escolar: desafios metodológicos e pedagógicos. **Revista produção acadêmica – Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários/ NURBA**, v. 2, n. 2, p. 04-19, dez. 2016.

STELLA, Thomas Henrique de Toledo. **Convulsões sociais no antigo egito: os trabalhadores da necrópole tebana no final do novo reinado**. 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/199914266-Ii-dossie-convulsoes-sociais-no-antigo-egito-os-trabalhadores-da-necropole-tebana-no-final-do-novo-reinado-thomas-henrique-de-toledo-stella-1.html>. Acesso em: 14 set. 2021.

WEIMER, Günter. **Interrelações arquitetônicas Brasil África**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/G%C3%BCnter%20Weimer%20-%20Inter-rela%C3%A7oes%20Arquiteticas%20Brasil-Africa.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Recebido em: 25 de setembro de 2023

Aceito em: 05 de dezembro de 2023